

# OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA NAS AULAS DE HISTÓRIA

**As aulas de História ganham sentido e conexão com o cotidiano ao serem trabalhadas a partir dos fatos veiculados pelos meios de comunicação; a dinâmica passado/presente permite desvendar os jogos de poder que se estabelecem nas relações sociais**

Pessoas que passam rapidamente pelas ruas, carros que tentam superar o espaço, um tumulto ali, uma greve acolá. De repente, uma guerra explode do outro lado do mundo, enquanto uma bola passa raspando o travessão e... quase um gol... mas é preciso anotar o valor do real, enquanto se escuta uma música no rádio, da qual pouco se entende a letra.

Imagens, palavras, informações diluem-se com a mesma rapidez com que chegam, ao mesmo tempo embaralhadas, apaixonantes, entediantes e logo substituídas por outras, novas, mas com o mesmo destino: perderem-se no tempo, o tempo veloz daquilo pelo qual chamamos modernidade (o novo, o que está em constante mudança, o passageiro). É este o tempo do vivido, que atravessa os meios de comunicação, capazes de diminuir espaços e demonstrar a multiplicidade de fatos, as diferenças socioculturais, o movimento em diversos sentidos do mundo, de formar imagens sobre esse tempo.

A informação é rápida e passageira — como é o viver — e a mídia vai construindo fatos que se sobrepõem ao passado morto, lento, e à memória separados cronologicamente daquilo que é vivenciado.

Ao mesmo tempo, o fato construído pelos vários olhares da mídia — que não é neutra — é aparentemente fugaz, já que é somente a “ponta do *iceberg*” de problemas que permanecem em todo o processo histórico. A mensagem que é ligeiramente internalizada pelo telespectador, por sua aparência imediata, permite a criação de preconceitos, porque não revela o que está além do observável.

## A AUTORA

**Marta Gouveia de Oliveira Rovai**

Licenciada e bacharel em História pela PUC-SP; pós-graduanda em História, pela PUC-SP; e professora da rede oficial de ensino estadual e municipal de São Paulo.

---

**Realizar a conexão entre esta aparente fugacidade e um conhecimento acumuladamente produzido, atribuindo a ambos um sentido, torna-se o novo papel da educação, em especial do professor de História. Tarefa difícil, não deixar que o passado permaneça “adormecido” sob os escombros da modernidade.**

---

Retirar o passado deste estado aparentemente letárgico, dessa condição de mera curiosidade, que por um longo período não conseguiu despertar qualquer interesse por parte dos educandos, foi e continua sendo hoje a tentativa daqueles que lidam com a história e que se predisõem a refletir sobre sua prática.

### **PARA COMPREENDER AS RELAÇÕES SOCIAIS**

Neste sentido é que, em 1992, trabalhando com turmas da oitava série, na Prefeitura de São Paulo, foi possível constatar o quanto o ensino dessa disciplina estava a “passos lentos” e não conseguia corresponder à ansiedade dos

---

**alunos que, “bombardeados” pelos meios de comunicação, buscavam rapidamente responder a questões imediatas, vividas e/ou assistidas por eles cotidianamente, sem, no entanto, elaborar conexões entre o vivido, o percebido e a História,**

---

a qual por muito tempo havia voltado as costas para os acontecimentos contemporâneos e estava sendo minada por eles. Os tempos diferentes não se cruzavam. Cruzá-los era o desafio.

Um ano foi pouco para realizar esta difícil tarefa. Trabalhar com uma gama de possibilidades, de temporalidades diversas, deixaram em aberto outros tantos problemas, outras questões. A riqueza das discussões também ficou perdida no tempo veloz, que vai apagando a memória (este é o mal de não registrarmos nossas experiências), e aqui é possível resgatar apenas fragmentos de um processo que partiu da experiência de vida — massificada — daqueles adolescentes.

As ansiedades sobre aquilo que se vivia, os problemas sentidos por aqueles alunos de uma escola de periferia, localizada, contraditoriamente, entre dois bairros — um de extrema pobreza, Jardim de Abril, e outro de grande beleza, Parque dos Príncipes — e tantos preconceitos percebidos nos discursos em sala, nos levaram ao estudo da consolidação do capitalismo, no período da Revolução Industrial — período de alteração radical nas relações de produção; da desapropriação da maioria para acelerar o acúmulo de capital por uma minoria; da alteração no tempo que vale dinheiro e que, portanto, deve atropelar o que é considerado velho, ultrapassado; da

idéia de progresso, progresso avassalador. Era preciso compreender as relações de poder e força, a construção de um cotidiano cronometrado e racionalmente organizado pelo capital.

Produção controlada, tempo domado. Era necessário, também, perceber os mecanismos de controle de idéias, a formação de opiniões, principalmente daqueles que haviam sido excluídos do processo de planejamento das funções produtivas, mas a quem cabia somente realizá-las, executá-las.

---

**Para que os alunos pudessem entender o mecanismo de controle social dos grupos dominantes, cada vez maior e, por vezes, imperceptível, era preciso, mais do que ler teorias, percebê-las através dos meios pelos quais recebiam as informações e formavam suas opiniões: o jornal escrito e principalmente o falado, na TV.**

---

## REALIDADE ATRAVÉS DA MÍDIA

Considerados sempre como fruto de um olhar imparcial, os jornais seriam os primeiros veículos a serem analisados pelos educandos. Durante uma semana, todos eles tinham a incumbência de assistir ou ler alguns escolhidos por eles como os melhores: os jornais **Folha de S.Paulo**, **Notícias Populares** (jornais de São Paulo), **Jornal Nacional (Rede Globo de Televisão)** e **Aqui Agora (Sistema Brasileiro de Televisão)**.

Para que percebessem como era possível controlar informações e construir fatos através da mídia, a escolha recaía sobre um mesmo acontecimento: a greve de motoristas que ocorria naquele momento, além de outros que achassem relevantes. Os alunos, a partir de seus relatórios diários, expunham o que observavam sobre as notícias; comparando o tempo de apresentação permitida em cada jornal, o número de vezes em que a notícia era exibida e as diferentes abordagens: opiniões dos locutores do jornal, do governo, da população prejudicada e a quase ausência da fala dos próprios protagonistas da greve. A discussão tinha como objetivo que os alunos percebessem como poderia ser fácil, a partir dos vários recortes estabelecidos pela imprensa sobre os acontecimentos, a partir das informações e, principalmente, das imagens dando destaque aos “quebra-quebras”, levar a população a elaborar preconceitos se ela não tivesse a compreensão sobre as relações de força estabelecidas na sociedade industrial, capitalista.

Alguns alunos consideravam, então, que o telejornal **Aqui Agora** e o jornal **Notícias Populares** deveriam ser mais “verídicos”, já que eram os únicos capazes de mostrar imagens sem cortes, a violência cotidiana, a “realidade”, como chamavam.

---

**Isso levava a uma nova questão: o que seria a verdade? O observável? A informação imediata? A violência por si só presente nos noticiários?**

---

## POR TRÁS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Era fundamental voltar à discussão sobre os possíveis interesses presentes na sociedade, por trás dos diferentes jornais, buscando compreender o caráter da instituição que elaborava as notícias, que público os jornais pretendiam atingir ou de que seriam o reflexo.

Seria importante levar às camadas populares, com condições financeiras desfavoráveis (o público destes jornais, em sua maioria), notícias que fossem além do já vivenciado cotidianamente? Seria interessante permitir uma reflexão que pretendesse compreender o porquê de tanta violência? A violência poderia explicar por si só sua existência? Eram questões levantadas pelo grupo para que se pudesse perceber o quanto a imagem chocante e rápida (na TV ou na manchete das bancas) teria por trás de si todo um conjunto de relações de poder, de exclusão, de alienação, “esquecido” no fato resgatado e congelado pela imprensa. Aquela cena, percebia o grupo ao final de algumas aulas de discussão, era apenas um momento escolhido por uma câmera (fotográfica ou de vídeo) que tentava mostrar uma parte da realidade, deixando-se perder tantos outros possíveis.

Mas era preciso ir mais longe e perceber o quanto os meios de comunicação atuavam, muitas vezes, de acordo com o funcionamento de um sistema que visava ao lucro: o capitalismo, e perceber isso através dos vários discursos presentes nas novelas e nos programas infantis, nos quais o controle ideológico se tornava mais difícil de ser apreendido.

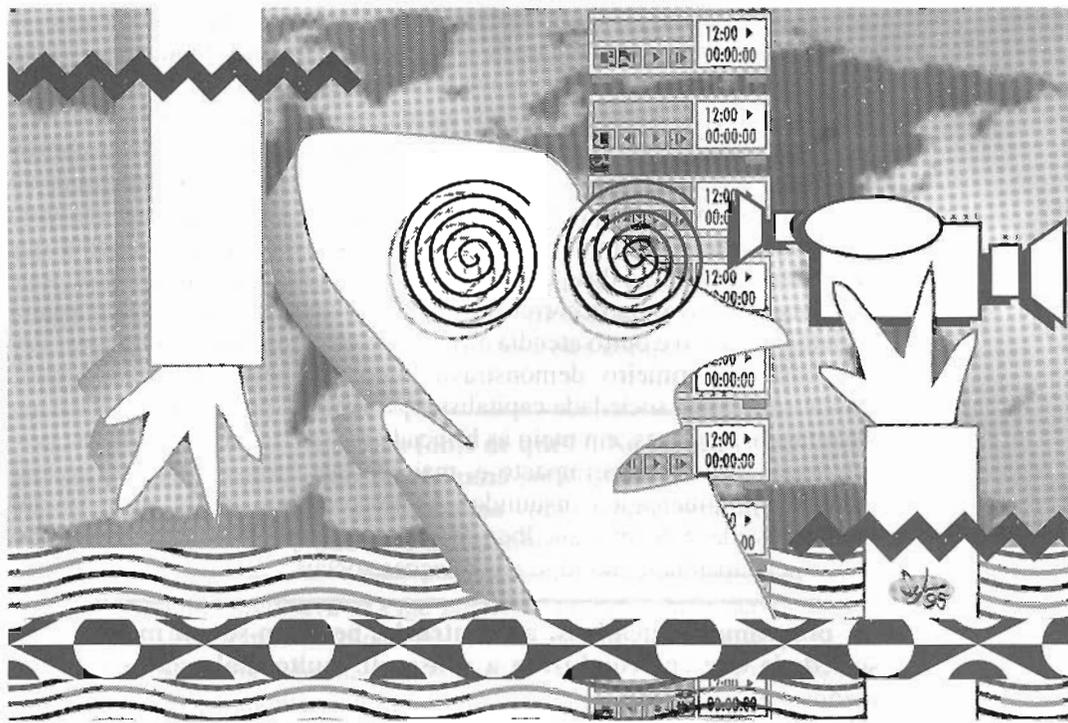
---

**Os alunos questionavam-se sobre como, a partir das novelas, “vendia-se” a idéia de fácil ascensão social por personagens que, de extremamente pobres, passavam à condição de ricos proprietários, dando a impressão a eles de que a pobreza — sua condição social — seria fruto da incapacidade pessoal dos indivíduos.**

---

Mas a cena de uma novela em que um menor de rua, negro, era adotado e que, por sua vez, procurava destruir seu “novo lar”, lembrada por alguns alunos, foi o que mais chamou a atenção para a discussão. Que mensagens, em cenas como esta, poderiam estar sendo passadas, em meio a uma trama “tão mais interessante”? Para alguns alunos: “menor de rua, que é marginal, vai ser sempre assim, porque ‘pau que nasce torto, morre torto’, por mais chance que tenha”.

O quanto havia de correto nisto? Era preciso ir além do observável para quebrar preconceitos. Daí o resgate de um outro tempo histórico: a escravidão negra no Brasil, o que exigiu um período mais longo para ser desenvolvido, mas que, aqui, perde sua riqueza. Através de figuras referentes ao cotidiano e ao trabalho escravo, os educandos iam levantando várias interpretações sobre o processo de exclusão social, de resistência dos negros. Uma foto de jornal recente que apresentava negros amarrados por policiais em uma favela do Rio de Janeiro ia sendo comparada a uma outra figura, semelhante, de escravos capturados por soldados, no século passado.



Uma cena de novela, uma foto de jornal, fragmentados, traziam consigo uma mesma temporalidade, longa, histórica, de construção do racismo, de formas de segregação social diferenciadas (uma pelo trabalho; outra pela ausência dele), de permanências que ultrapassavam o tempo cronológico e que permitiam questionar um aspecto importante: a cidadania negra.

### DINÂMICA PASSADO/PRESENTE

O passado já não era “morto”, porque era movimentado, recriado por novos olhares sobre ele, pelas inquietações geridas pela brevidade das informações da mídia e da própria aula; reciprocamente, a imagem da novela, perdida em meio a tantas outras, passageiras, mescladas, ganhavam um sentido histórico.

O tempo longo, aparentemente distante, cruzava o tempo imediato, para demonstrar que, sem manter a dinâmica passado/presente, não seria possível perceber que “pau que nasce torto” é fruto das relações históricas.

**Manter esta dialética entre os tempos diferenciados torna-se desafiador para quem tenta romper com uma concepção de história que pressupõe um caminho único e teleológico, com uma uniformidade temporal; causa insegurança, permite erros, mas pode ser extremamente enriquecedor.**

O cruzamento do tempo mais que breve dos meios de comunicação — ao mesmo tempo ponto de partida e de chegada, naquele momento — com o movimento histórico, desvendava a multiplicidade de interesses, a dinâmica das relações sociais, presentes até mesmo nos programas infantis.

Propositalmente, realizava-se a comparação entre dois deles: **Show da Xuxa e Bambalalão** (ao qual os alunos recusavam-se a assistir). Fãs do primeiro, de início, a quase totalidade da classe considerava o segundo desinteressante. O caminho era, portanto, descrever o funcionamento dos programas, a quem se dirigiam; mas somente a discussão em torno de seus objetivos revelava, no decorrer das falas, o quanto um se encaixava num projeto educativo e outro atendia aos interesses do mercado capitalista. Por que então o primeiro demonstrava tanto “íbope” e era tão aceito? Conclusão: numa sociedade capitalista, para que se possa ser é preciso ter. As imagens, músicas, em meio às brincadeiras que invadiam as casas, percebiam-se, iam causando impacto e, mais do que formar opiniões, pretendiam criar um mercado consumidor. As pessoas eram, assim, movidas por uma necessidade de ter o que lhes desse *status*, o que lhes atribuísse papéis dados pela aparência, no jogo das relações sociais.

---

**Os programas educativos, ao contrário, perdiam-se em meio a uma sociedade que era conduzida a consumir muito mais coisas e muito menos conhecimento.**

---

A moda, criada por um mercado capitalista com interesses momentâneos, torna-se a condutora do consumismo e, como tal, molda gestos, determina gostos construídos pelas campanhas publicitárias, sucessivamente renovadas e atualizadas pela tecnologia. O uso do computador por todos os meios de comunicação trouxe a aparente impressão do progresso que atinge a todos, o moderno que leva a sociedade ao mundo do prazer. Na verdade, este progresso seria assim questionado pelo grupo: atingiria a quem? às custas de quem? favorecendo quem? A brevidade da imagem que dita a moda, o comportamento, não era capaz de, por si só, revelar isto.

## **PADRÃO CONSTRUÍDO PELA MÍDIA**

A moda — padrão de beleza construído pela mídia para atender aos interesses capitalistas — “educa” os ouvidos e também constrói o gosto musical. Assim,

---

**as músicas, intensamente presentes no cotidiano dos adolescentes, não poderiam ser descartadas deste processo, já que, de todos os meios de comunicação, o rádio seria o mais constante na vida daqueles meninos.**

---

O pagode foi o primeiro tipo de música ouvido em aula; música com batida repetitiva e tema fácil para interpretação. Mas havia outras escolhidas pela classe, entre elas cabe destacar **Comida** do grupo Titãs. Poderiam

ter sido introduzidas outras com maior poder de reflexão, mas o importante era resgatar justamente aquelas que se destacavam na mídia e que faziam parte do dia-a-dia deles.

Parar para interpretar uma letra era um processo mais complicado, porque os próprios alunos acabavam por perceber que escutar não compreendia necessariamente ouvir uma música, por mais que ela fosse repetidamente executada pelas rádios ou fosse cantada por eles. As mensagens das músicas iam sendo “decifradas” com ares de surpresa, porque a preocupação em consumir rapidamente o que se escutava, enquanto num mesmo momento se limpava a casa, trabalhava ou simplesmente “perdia-se tempo” (justamente quando se ganha), não permitia a eles compreender o que queria dizer a questão:

---

**“Você tem sede de quê, você tem fome de quê?”. Na verdade, esta música, em especial, deu sentido a toda uma série de discussões e as interpretações foram variadas: sede de uma vida melhor, sede de informações, de perceber a realidade, de cidadania.**

---

Novamente, precisava-se estar atento ao processo histórico de desenvolvimento do capitalismo que, através da tecnologia, tomava posse do mercado musical, dava forma ao que parecia ser original, *díspar*; era preciso atentar para a indústria cultural que insistia na modulação dos gostos, passageiros, como as músicas que, em grande parte, eram o reflexo do próprio tempo capitalista: ritmado, quebrado, fragmentado.

O *break* era o melhor exemplo disso, com sua dança de movimentos sincronizados, descontínuos, rápidos, como o funcionamento de um relógio digital — a temporalidade do moderno.

O processo dessa discussão, aqui pretensiosamente resumida, finalizou-se com a elaboração, por parte dos alunos, de alguns *raps* ou redações, pelos quais as reflexões foram sendo concretizadas.

O trabalho com os meios de comunicação de massa continuou nos anos sucessivos, com outras turmas e outros enfoques, pois

---

**o ensino de História deve continuar tentando “abraçar” o tempo brevíssimo do vivido, deve desafiar as várias temporalidades.**

---

A mídia, que traz informações tão importantes, e pela qual o mundo é lido pelas pessoas que passam pelas ruas, que observam a guerra do outro lado do mundo, ao mesmo tempo que escutam uma música, não pode deixar de ser considerada pelo professor que tenta construir com seus alunos um “olhar” mais reflexivo sobre a História e o vivido...